

Resumo do [Boletim InfoGripe](#) – Semana Epidemiológica (SE) 48 2021

Análises com base nos dados inseridos no Sivep-gripe até o dia 06/12/2021.
Semana epidemiológica 48: 28/11/2021 à 04/12/2021

Alerta para dados do Mato Grosso:

Como já relatado em boletins anteriores, identificamos diferença significativa entre as notificações de síndrome respiratória aguda grave (SRAG) no estado do Mato Grosso registradas no sistema nacional SIVEP-gripe e os registros apresentados no sistema próprio do estado (disponível [aqui](#)). Tal diferença se manteve até a presente atualização.

Alerta para estados com carga excessiva na rede hospitalar:

Como os dados aqui analisados se referem a notificações de hospitalizações ou óbitos, a superlotação da rede hospitalar, com formação de lista de espera para disponibilização de leitos, pode gerar subnotificação. Isso ocorre toda vez que pacientes que atendem a definição de SRAG deixam de ser notificados por não ser possível realizar a internação do paciente. Por causa desse risco de subnotificação, é possível que os casos de SRAG notificados na base SIVEP subestimem o total de casos em locais com índice de ocupação de leitos elevado. Portanto, locais com índice de ocupação de leitos elevado devem deixar os indicadores de SRAG em segundo plano em relação à tomada de decisão até que a ocupação volte a diminuir.

AVISO:

Como as análises apresentadas se baseiam em registros no Sivep-gripe que atendem critérios de sinais e sintomas mantidos fixos, as análises aqui apresentadas não são afetadas por eventuais alterações de critérios para classificação de casos confirmados para COVID-19. Além disso, utiliza-se data de primeiros sintomas e método estatístico para corrigir o atraso de inserção dos registros no SIVEP, para minimizar o impacto do represamento de dados na análise de tendência atual.

Dados provenientes de sistemas de notificação de caso, como é o banco de dados do Sivep-gripe que alimenta o InfoGripe, podem conter eventuais erros de digitação ou preenchimento afetando um ou mais dos diversos campos de registro. Em função disso, as notificações estão em constante avaliação para correções que se façam necessárias mediante análise da rede de vigilância e das equipes locais responsáveis por cada registro.

Dados de óbitos são reportados com base na data de primeiros sintomas. Como os registros de óbitos apresentam dificuldades adicionais para correção do atraso de inserção, não são utilizados nem recomendados para análise de tendência a partir dos dados do InfoGripe.

Recomenda-se utilização do boletim com base nos dados sem aplicação do filtro de sintomas relacionado à presença de febre, conforme indicação do Ministério da Saúde.

Conforme destacado em boletins anteriores, e explicitado em [nota técnica elaborada pela Fiocruz](#), os dados aqui apresentados devem ser utilizados em combinação com demais indicadores relevantes, como a taxa de ocupação de leitos das respectivas regionais de saúde, por exemplo.

Casos de SRAG no país

Situação nacional

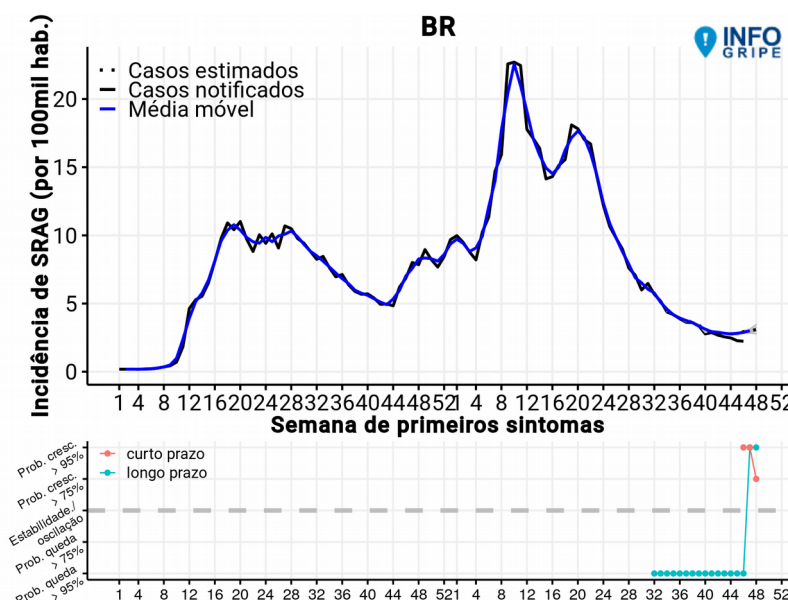
A nível nacional, o cenário atual sugere que a situação de cada indicador se encontra nos seguintes níveis:

- Casos notificados de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG), independentemente de presença de febre:

- Sinal forte de crescimento na tendência de longo prazo (últimas 6 semanas) e moderado na de curto prazo (últimas 3 semanas). Embora ainda se trate de crescimento leve, a análise por faixa etária indica se tratar de aumento em todas as faixas etárias abaixo de 60 anos.
- Nenhuma das 118 macrorregiões de saúde apresenta nível de SRAG extremamente alto. Apenas 9 apresentam nível muito alto, localizadas em apenas 4 unidades da federação (MG, PA, PR e SP).
- Desde 2020 até a presente atualização, temos um total de **1.703.956** casos reportados. Destes, **994.887** casos são referentes ao ano epidemiológico 2021, sendo **698.986 (70,3%)** com resultado laboratorial positivo para algum vírus respiratório, **162.768 (16,4%)** negativos, e ao menos **63.172 (6,3%)** aguardando resultado laboratorial. Dentre os positivos, 0,0% **Influenza A**, 0,0% **Influenza B**, 1,2% **vírus sincicial respiratório (VSR)**, e 96,4% **SARS-CoV-2 (COVID-19)**.

Levando em conta a oportunidade de digitação, estima-se que já ocorreram **1.714.788** casos de SRAG desde 2020, podendo variar entre **1.710.846** e **1.718.879** até o término da semana 48 de 2021.

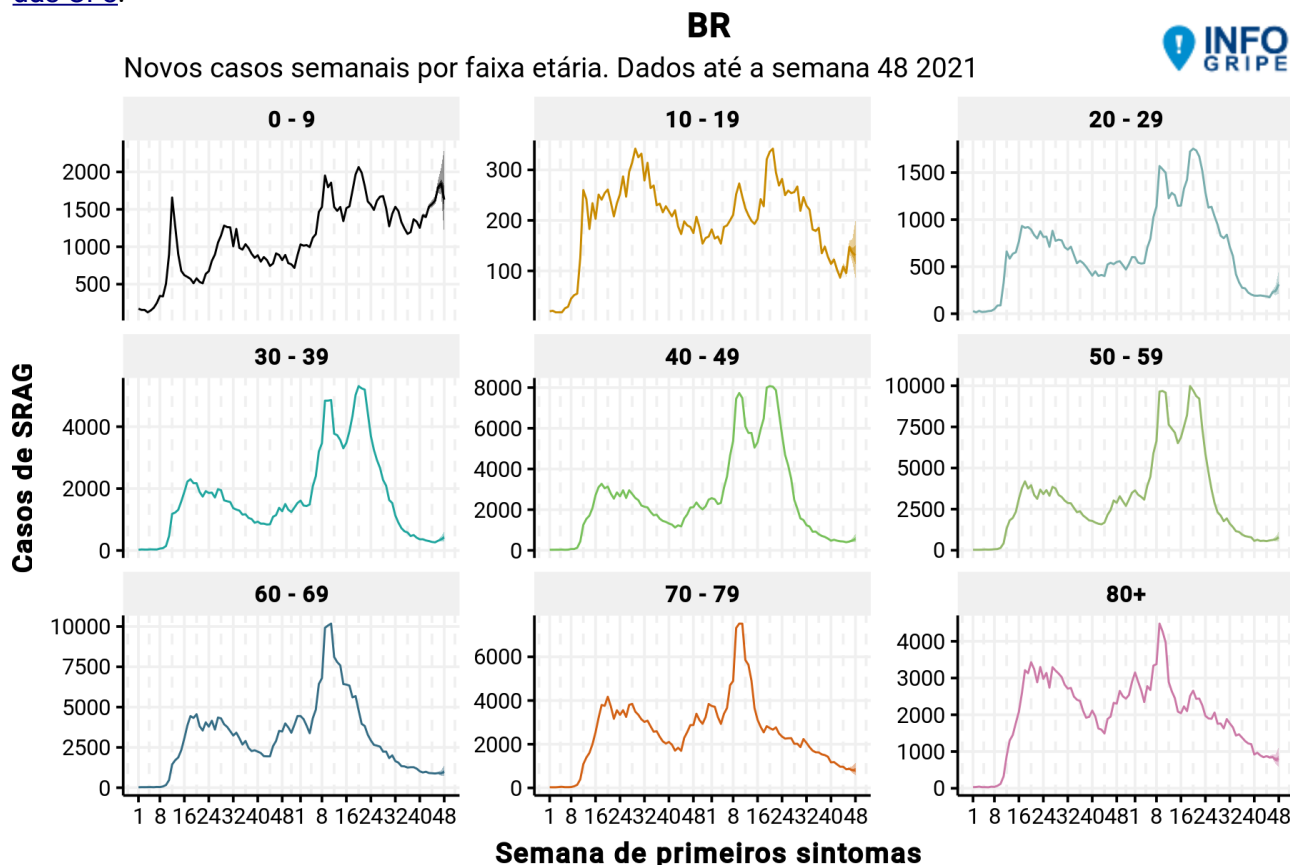
O total de registros de hospitalizações ou óbitos no SIVEP-gripe, independente de sintomas, apresenta estimativa atual de **2.802.313 [2.796.466 – 2.809.546]**.



Evolução dos casos e óbitos por faixa etária

Estimativa de casos recentes de SRAG por faixa etária

A partir de método similar ao utilizado para estimar o total de novos casos semanais de SRAG, levando em conta a oportunidade de digitação no Brasil e em cada unidade da federação, também é possível estimar o número de novos casos por faixa etária. A figura abaixo apresenta tal estimativa para todo o país. No anexo I do [boletim completo](#) são apresentadas as estimativas para cada UF, que também podem ser obtidas no repositório público do InfoGripe, na [pasta de imagens das UFs](#).



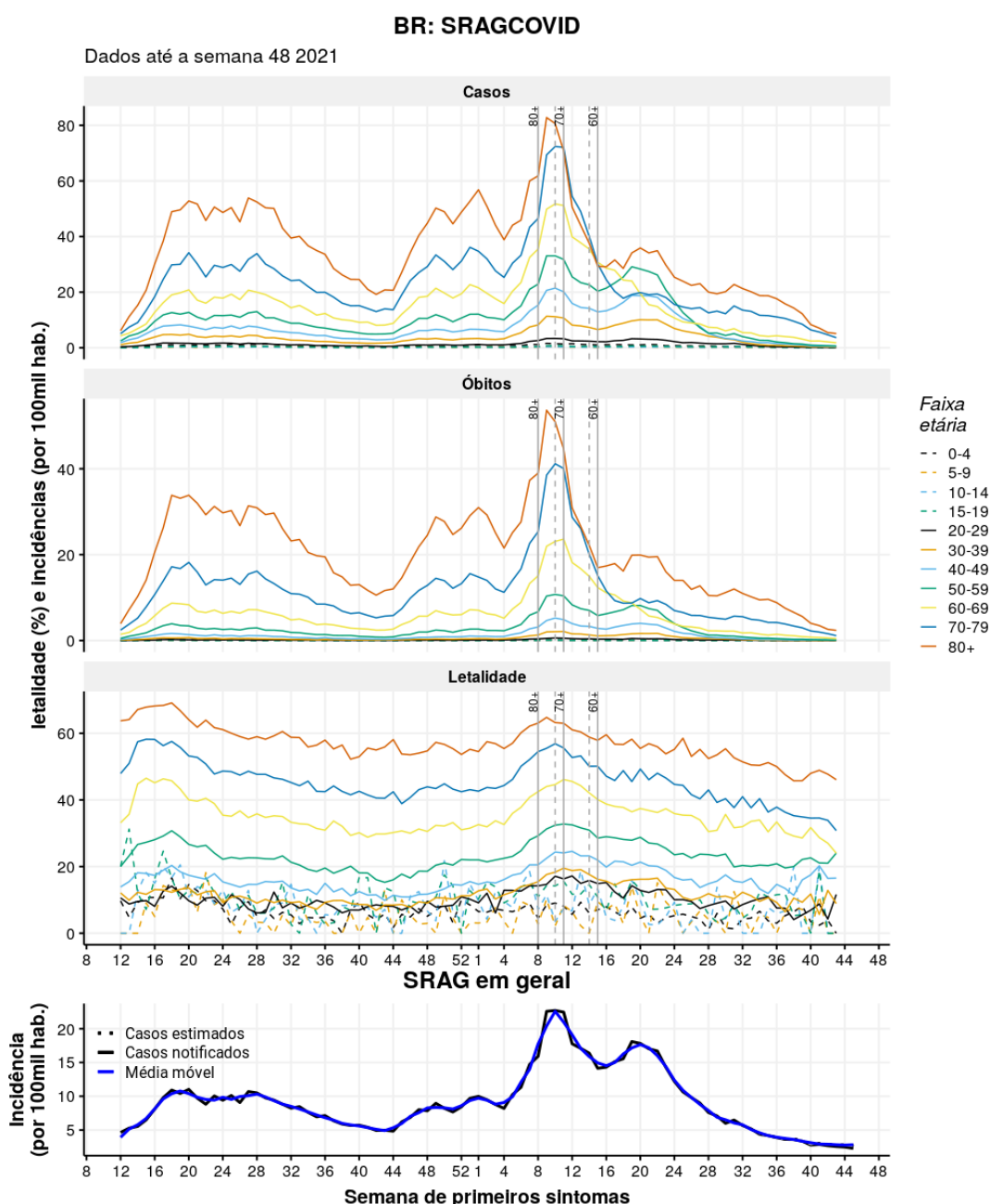
Observa-se cenário de crescimento em todas as faixas etárias abaixo de 60 anos. Tal cenário é mais claro no grupo etário de crianças à jovens adultos (0-9, 10-19, e 20-29 anos). Nas faixas etárias entre 30 e 59 anos o crescimento é relativamente leve porém consistente com o que havia sido apresentado na atualização referente à semana anterior, reforçando a necessidade de cuidados. No caso das crianças (0-9 anos), os resultados laboratoriais associados a esses casos seguem apontando predomínio de vírus sincicial respiratório (VSR), que acompanha a tendência de aumento de SRAG nessa faixa etária. Já para nas demais faixas etárias os casos de SRAG se mantém majoritariamente associados ao SARS-CoV-2 (COVID-19), com exceção para o estado do Rio de Janeiro, onde se observa aumento no número de casos positivos para o vírus Influenza, especialmente a partir da semana 47. Como há atraso entre a identificação de casos, resultado laboratorial, e inserção do resultado no SIVEP-Gripe, a população viral associada a casos recentes pode sofrer alterações significativas em atualizações seguintes.

É importante destacar que o número absoluto de casos em cada faixa etária, sem normalizar pela população correspondente, não é adequado para fins de comparação de risco entre faixas etárias distintas. Para esse fim, os dados de incidência são mais adequados, como apresentados a seguir.

Série temporal consolidada da incidência de casos e óbitos de SRAG por COVID-19

A figura abaixo apresenta, nos 3 painéis superiores, a evolução da incidência de casos, óbitos, e a letalidade entre as hospitalizações por SRAG com resultado positivo para SARS-CoV-2 através de exame RT-PCR ("SRAGCOVID") conforme registros do SIVEP-Gripe. Os gráficos estão limitados a até 5 semanas epidemiológicas anteriores ao dado mais recente, para evitar efeitos associados à oportunidade de digitação. O painel inferior apresenta a evolução temporal dos casos de SRAG em geral no país, para referência do cenário epidemiológico na população em geral.

As linhas verticais indicam as semanas epidemiológicas em que ocorreu envio da primeira pauta para atender faixas etárias específicas (linhas sólidas), e envio da pauta que, a princípio, permitira cobrir toda a população correspondente, conforme cronograma do ministério da saúde. Observa-se que, com o avanço da cobertura vacinal na população adulta, as faixas etárias de 60 anos ou mais (60-69, 70-79, e 80 anos ou mais) voltaram a ser os grupos com maior incidência semanal de casos e óbitos por SRAG com resultado de RT-PCR positivo para SARS-CoV-2.



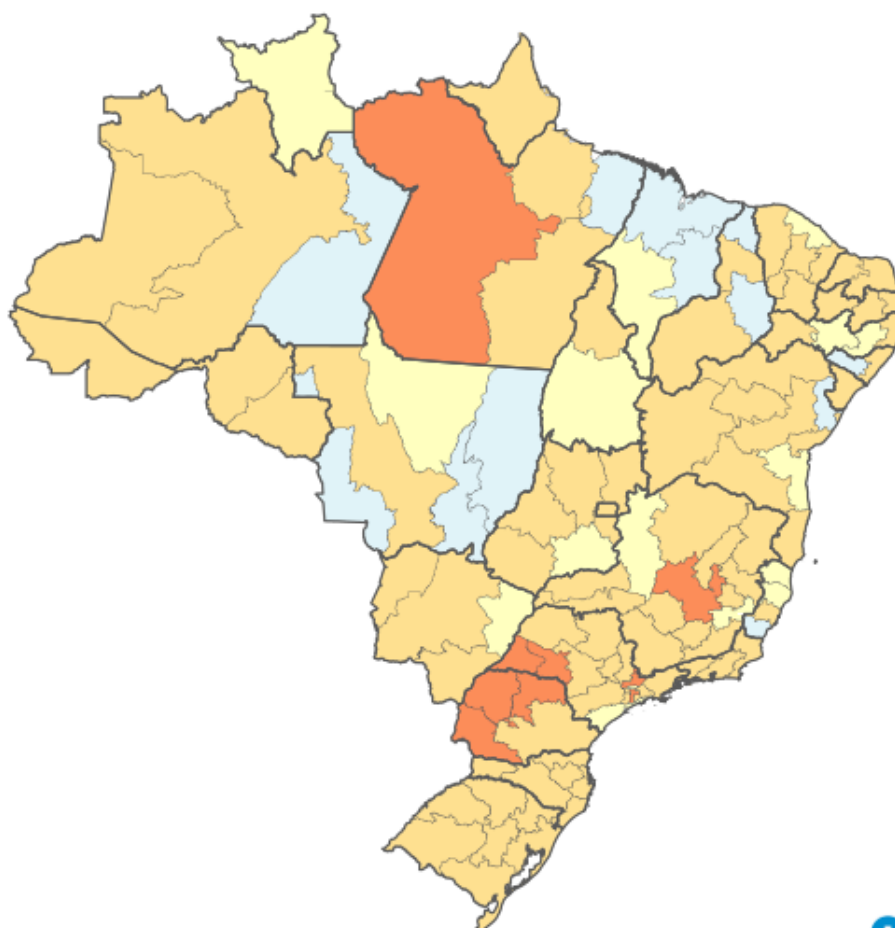
Nível de casos semanais de SRAG

Indicadores de nível dos casos semanais de SRAG durante a atual epidemia de COVID-19 no Brasil a partir da incidência nas macrorregiões de saúde de cada estado e do distrito federal, conforme descrito em [nota técnica](#) do Observatório Covid-19 da Fiocruz e equipe InfoGripe.

	Pré-epidêmico	Epidêmico	Alto	Muito Alto	Extremamente Alto
Total de novos casos de SRAG por 100 mil habitantes na última semana	< 0.5	0.5 a 1.0	1.0 a 5.0	5.0 a 10.0	10.0 ou mais
Total de macrorregiões	12	16	81	9	0

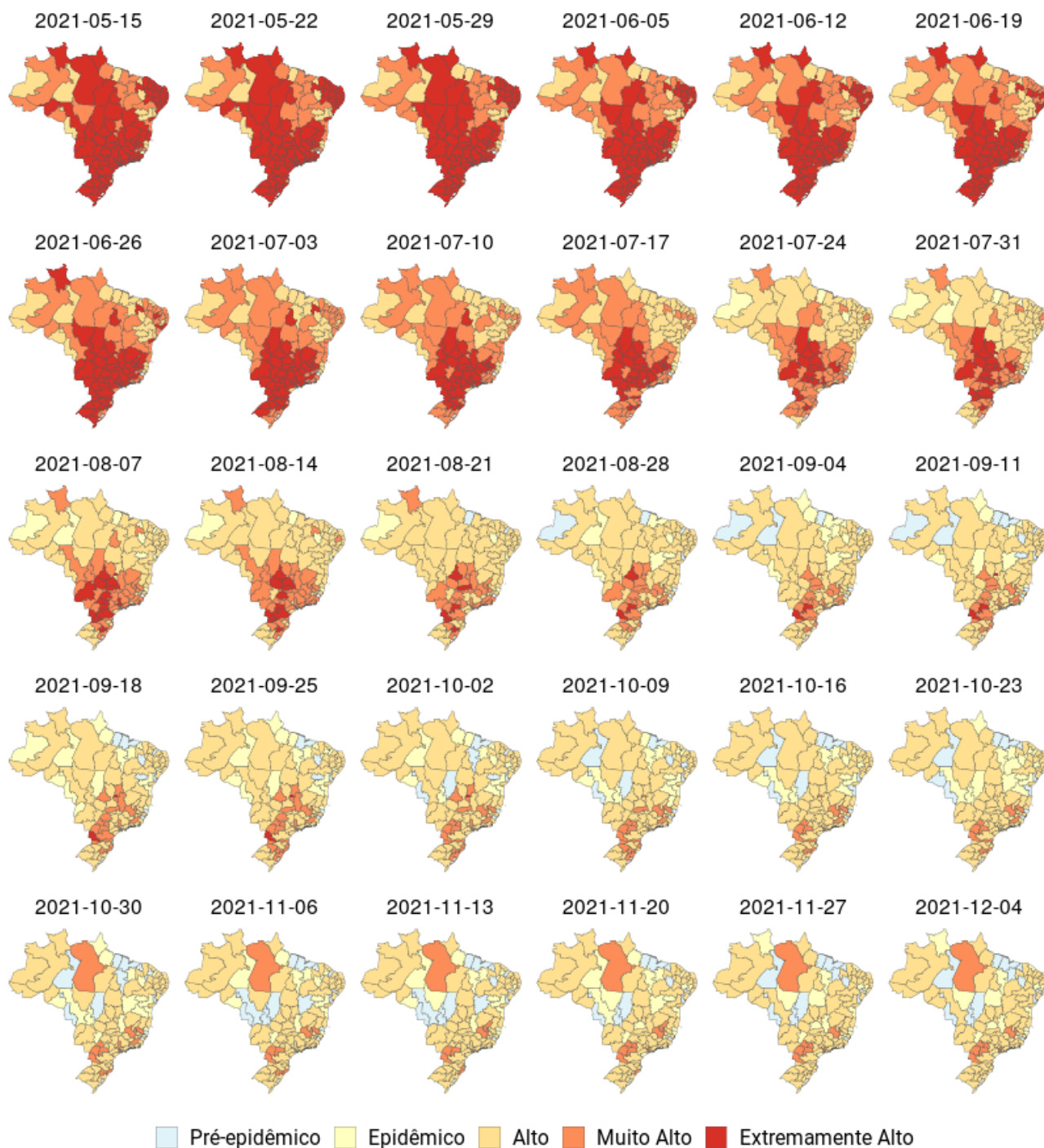
Nível dos casos semanais de SRAG

Semana epidemiológica 48 2021



Nível dos casos semanais de SRAG

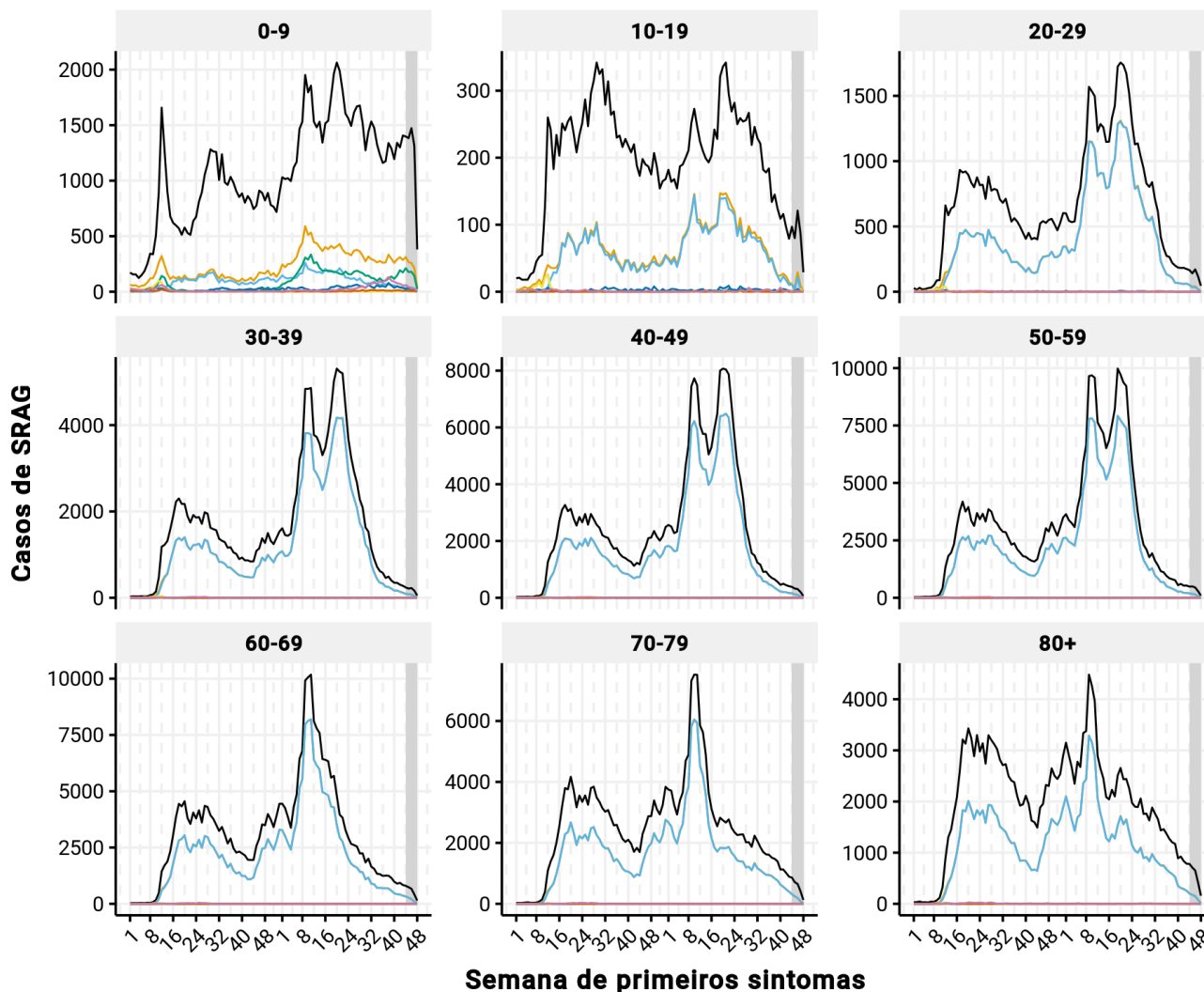
Dados até a semana epi. 48 2021



Casos associados a outros vírus respiratórios

Brasil

Novos casos semanais por faixa etária. Dados até a semana 48 2021.
Para semanas recentes os dados são parciais (área cinza).



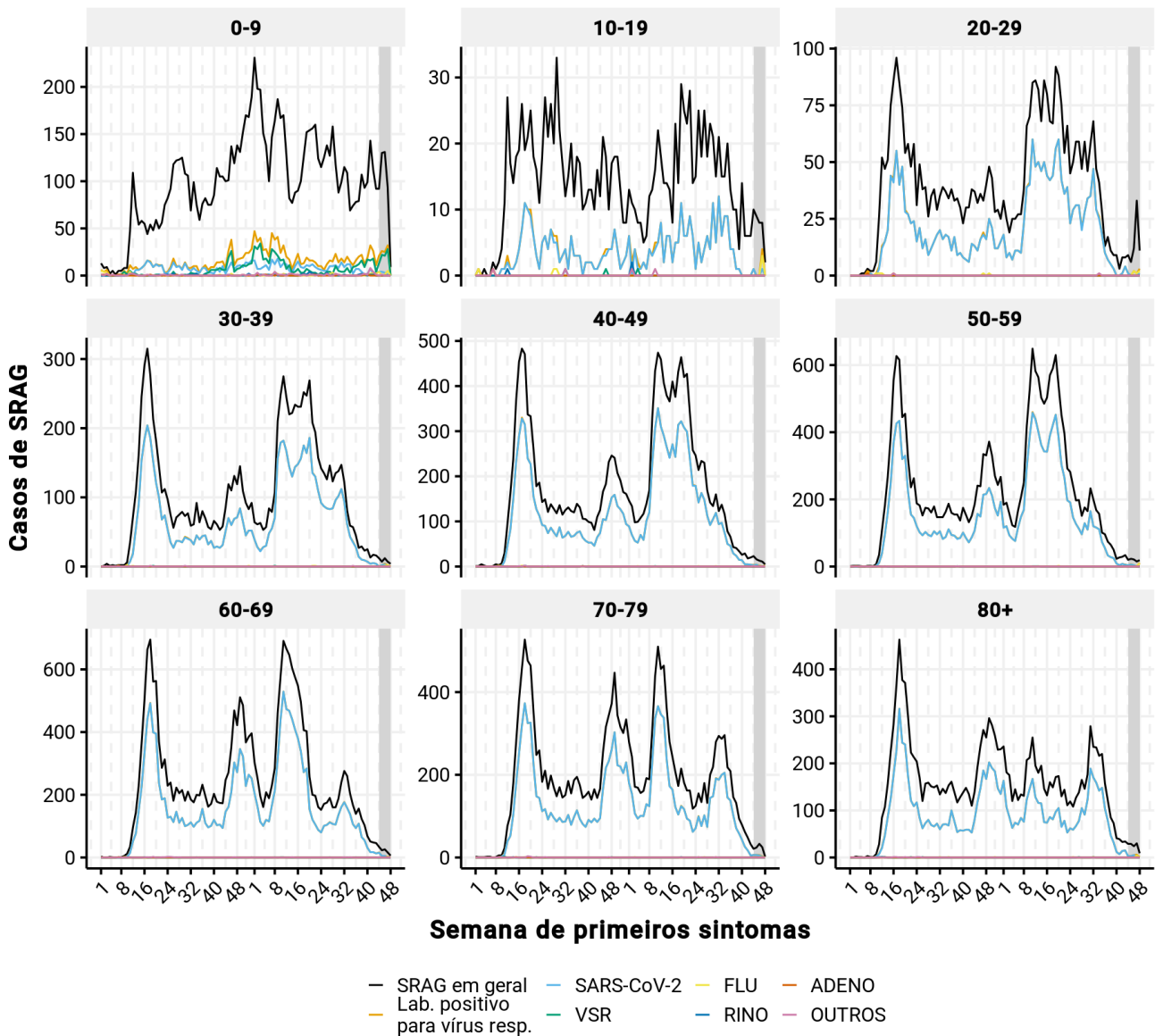
— SRAG em geral — SARS-CoV-2 — FLU — ADENO
— Lab. positivo para vírus resp. — VSR — RINO — OUTROS

Entre a população adulta (20 anos ou mais), observa-se um predomínio praticamente absoluto de detecção de SARS-CoV-2 (COVID-19) entre os casos de SRAG com resultado laboratorial no país, de forma que a curva associada aos casos de SARS-CoV-2 (linha azul clara) se sobrepõe à curva de casos com resultado laboratorial positivo para vírus respiratórios (linha dourada). Entre crianças e adolescentes, observa-se que esse predomínio se mantém entre os adolescentes de 10-19 anos, porém com redução na positividade geral e maior presença relativa de casos positivos para Rinovírus (linha azul escura). Já entre crianças de 0-9 anos, faixa etária em que também há menor positividade geral, em 2021 houve um aumento significativo de casos de vírus sincicial respiratório (VSR, linha verde), com registros semanais superiores aos observados para SARS-CoV-2. A partir do mês de julho, observa-se aumento gradual de casos positivos por outros vírus respiratórios como Adenovírus, Bocavírus, Parainfluenza 3, Parainfluenza 4, dentre outros, que se

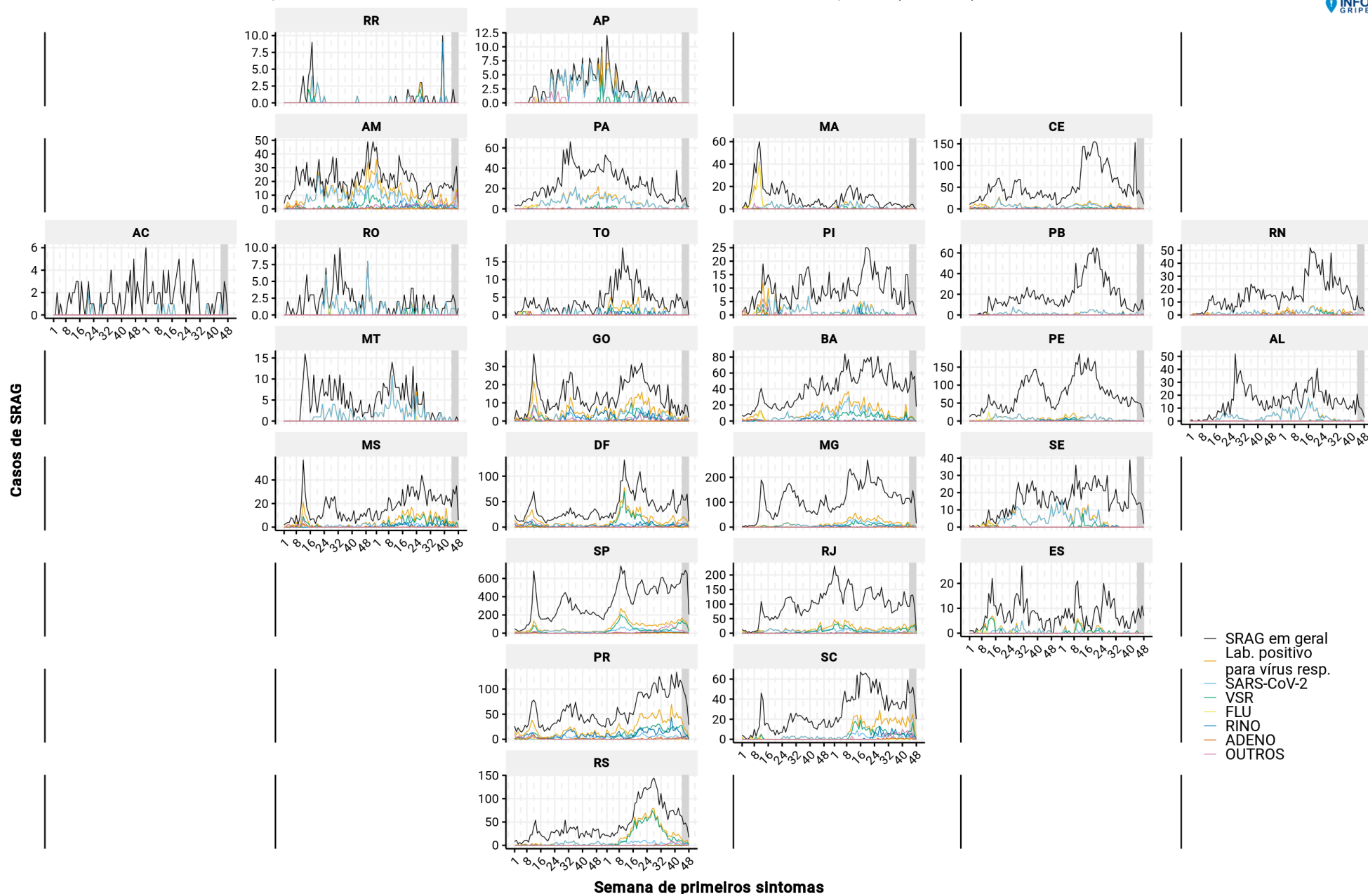
somam à presença do VSR e Rinovírus nessas crianças. Embora ainda não se reflita em aumento significativo nos dados nacionais, é importante destacar o avanço dos casos de SRAG por vírus Influenza A no estado do Rio de Janeiro, tanto em crianças quanto na população adulta. Tal avanço pode vir a se reproduzir nos demais estados em função da grande quantidade de pessoas que diariamente se deslocam da capital fluminense para os demais centros urbanos do país, facilitando a importação de casos especialmente no cenário atual de flexibilização das medidas de prevenção à transmissão de vírus respiratórios.

Rio de Janeiro

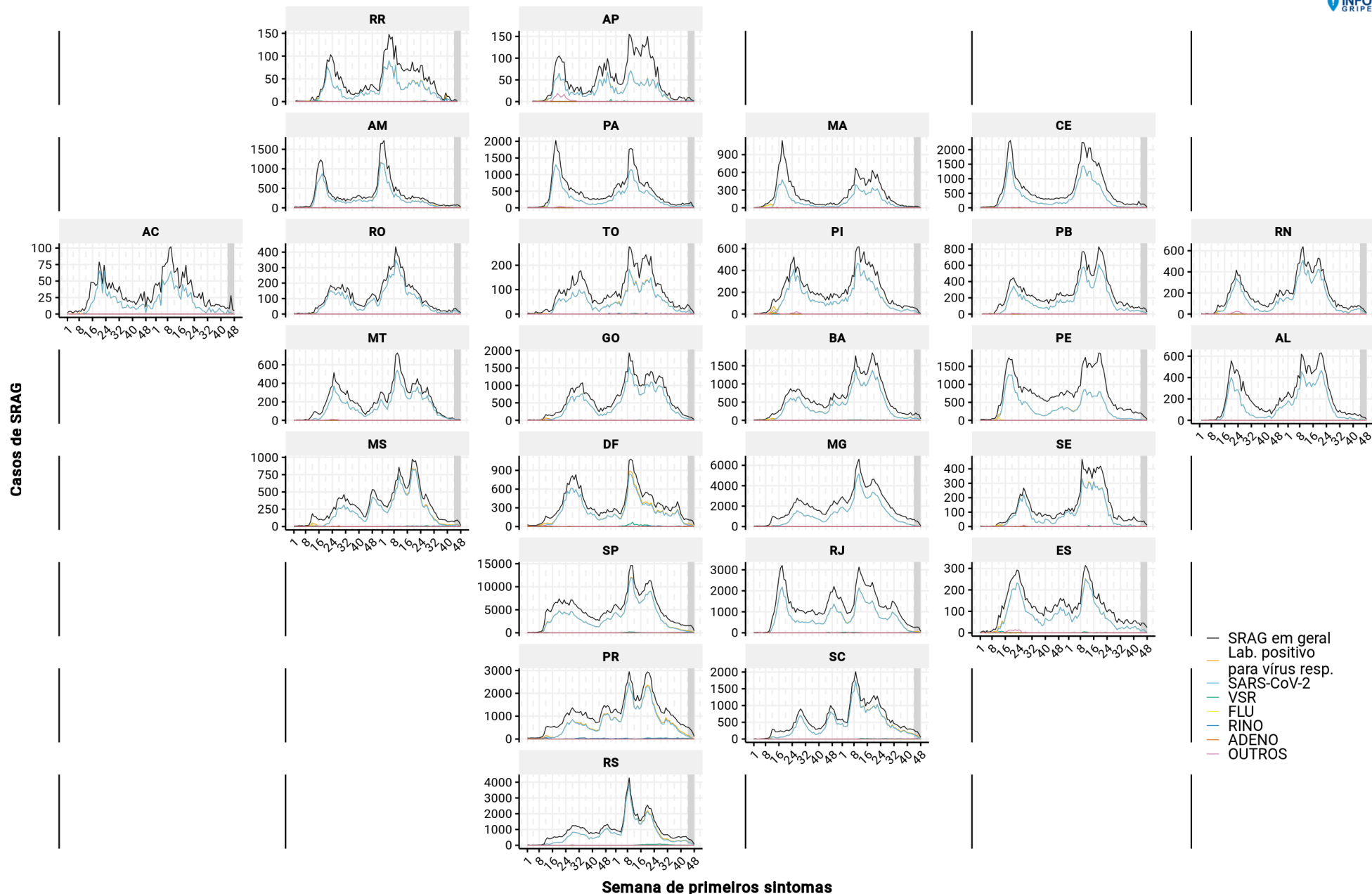
Novos casos semanais por faixa etária. Dados até a semana 48 2021.
Para semanas recentes os dados são parciais (área cinza).



Novos casos semanais em crianças 0-9 anos. Dados até a semana 48 2021. Para semanas recentes os dados são parciais (área cinza).



Novos casos semanais na população em geral. Dados até a semana 48 2021. Para semanas recentes os dados são parciais (área cinza).



Tendência dos novos casos de SRAG até a semana 48 2021

Os indicadores de tendência atual dos casos de SRAG são estimativas obtidas através da análise do perfil de variação no número de novos casos semanais durante as últimas 3 (três) semanas para o curto prazo e 6 (seis) semanas para o longo prazo. Isto é, se houve, em média, crescimento no número de novos casos nas últimas 3 (três) semanas, o indicador de curto prazo apresentará tendência de crescimento para a semana atual. Da mesma forma, se foi observado, em média, crescimento durante as últimas 6 (seis) semanas, o indicador de longo prazo apresentará tendência de crescimento. Reforçamos que tais indicadores se referem à semana atual, não se tratando de projeções para as próximas 3 ou 6 semanas. Por se tratar de uma avaliação estatística, a tendência é apresentada em termos de probabilidade de estar ocorrendo queda ou crescimento. Quando essas probabilidades forem menores de que 75% para ambos sentidos, temos indicação de estabilização ou oscilação sem aumento ou redução significativa ao longo do período em questão.

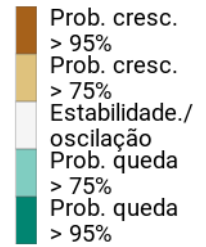
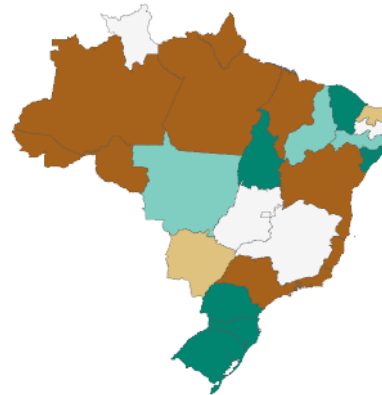
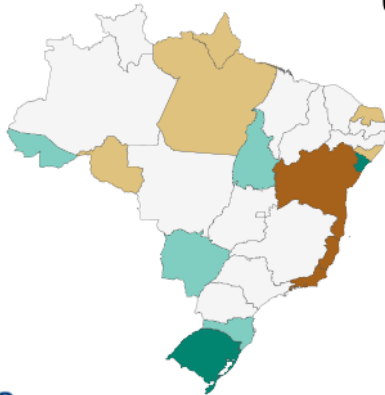
O indicador de longo prazo permite avaliação de tendência suavizando o efeito de eventuais oscilações entre semanas consecutivas, algo natural em dados de notificação. Já o indicador de curto prazo permite identificar, de forma oportuna, possíveis alterações no comportamento de longo prazo, mas que necessitam interpretação cautelosa à luz de eventuais oscilações. Por exemplo, uma tendência de queda no longo prazo acompanhada de um sinal de estabilidade ou crescimento na tendência de curto prazo pode indicar o início de um processo de inversão de tendência, que a análise de longo prazo levaria mais tempo para indicar, podendo levar a ações inadequadas frente à possível mudança de comportamento. Em situações como essa, o recomendável é que eventuais novas medidas que estejam em planejamento à luz da tendência de queda sejam suspensas para reavaliação da tendência nas semanas seguintes. Na situação inversa, isto é, tendência de crescimento no longo prazo e sinal de estabilidade ou queda no curto prazo, o princípio da cautela e minimização de risco recomenda que eventuais medidas associadas à tendências de queda sejam tomadas apenas quando a tendência de longo prazo também indicar queda, evitando assim ações de flexibilização com base em quedas esporádicas (não sustentadas).

Para auxiliar na interpretação dessas tendências, apresentamos mapa nacional com o indicador relativo aos dados até a semana mais recente, levando em conta a estimativa de casos recentes, e evolução desses indicadores nos gráficos das séries temporais de cada localidade. A metodologia empregada está descrita em [nota técnica](#).

curto prazo
(últimas 3 semanas)

Semana 48 2021
(28/11 - 04/12):
Estados e DF

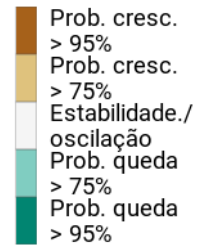
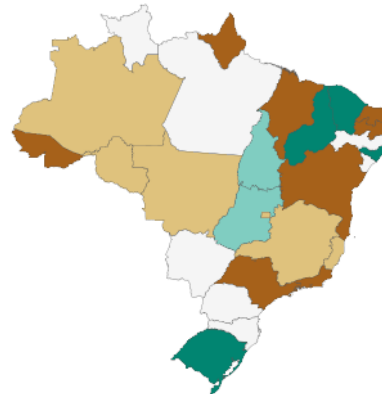
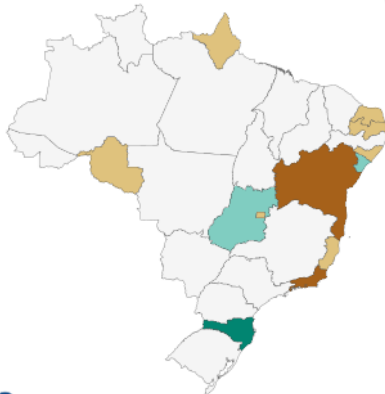
longo prazo
(últimas 6 semanas)



curto prazo
(últimas 3 semanas)

Capitais e região central
de saúde do DF

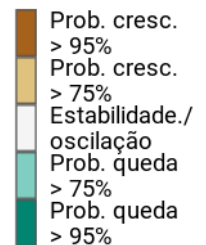
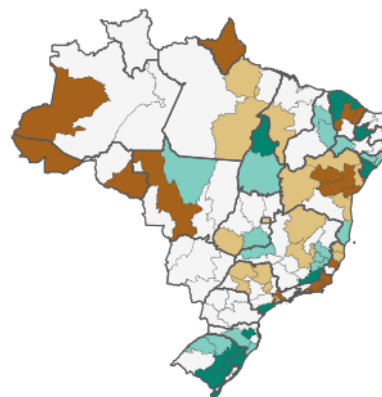
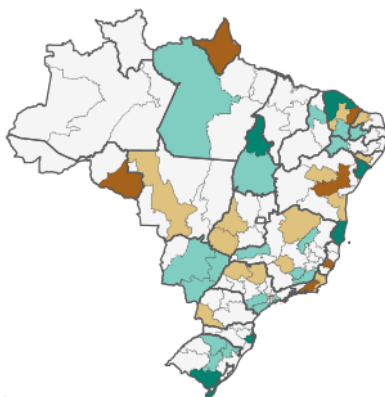
longo prazo
(últimas 6 semanas)



curto prazo
(últimas 3 semanas)

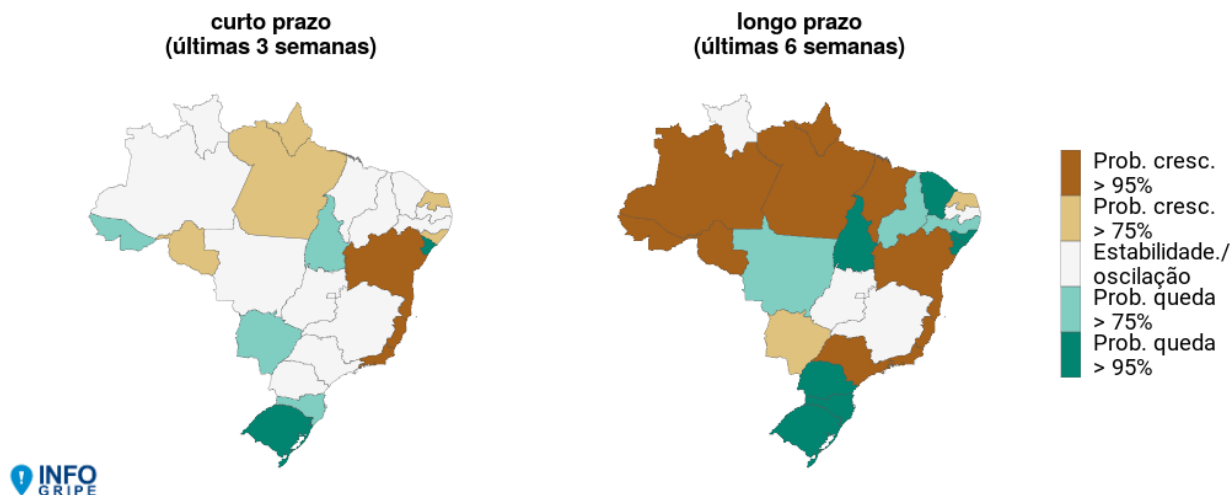
Macrorregiões de saúde

longo prazo
(últimas 6 semanas)



Estados e Distrito Federal

Análise de tendência de casos de SRAG até a última semana para registros nas Unidades Federativas, com base no **município de notificação**.



Conclusões:

Na presente atualização observa-se que 12 das 27 unidades federativas apresentam sinal de crescimento na tendência de longo prazo (últimas 6 semanas) até a semana 48: Acre, Amazonas, Amapá, Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Pará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rondônia e São Paulo. Diferentemente do apontado em atualizações anteriores, embora em muitos estados ainda seja um crescimento lento, os dados por faixa etária sugerem se tratar de um crescimento sustentado e recomenda-se reavaliação das medidas de prevenção da transmissão de vírus respiratórios, especialmente em relação aos eventos de final de ano para evitar agravamento do cenário epidemiológico. Dentre os demais estados, 10 apresentam sinal de queda na tendência de longo prazo: Alagoas, Ceará, Mato Grosso, Pernambuco, Piauí, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sergipe e Tocantins. Finalmente, 1 UF apresenta sinal de crescimento apenas na tendência de curto prazo (últimas 3 semanas): Alagoas, porém compatível que oscilação em torno de valor estável.

Como destacado na seção sobre os resultados laboratoriais por faixa etária, os casos em crianças continuam fundamentalmente associados a outros vírus respiratórios, especialmente VSR. No entanto, nas demais faixas etárias se mantém o predomínio de SARS-CoV-2 (COVID-19) entre os vírus identificados. No Rio de Janeiro, no entanto, já se observa presença do vírus Influenza A entre os casos de SRAG tanto em crianças quanto na população adulta. Embora os resultados laboratoriais de casos recentes sejam preliminares e sujeitos a grandes alterações nas próximas semanas, na presente atualização observa-se um número maior de casos positivos para Influenza do que para SARS-CoV-2 (COVID-19) nos casos referentes às semanas 47 e 48, considerando os filtros de sinais e sintomas utilizados neste boletim. Em decorrência da grande relevância da capital fluminense na rede de mobilidade aérea nacional, tal cenário serve de alerta aos demais grandes centros urbanos e turísticos em função do risco de importação de casos de Influenza, especialmente em locais cujas medidas não farmacológicas para a mitigação da transmissão da COVID-19 estejam com baixa adesão, pois também afetam a transmissibilidade do vírus Influenza.

Nos estados do Acre, Amazonas, Amapá, Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Pará, Rio de Janeiro, Rondônia e São Paulo, há sinal forte de crescimento na tendência de longo prazo (últimas 6 semanas), sendo que nos estados do Amapá, Bahia, Espírito Santo, Pará, Rio de Janeiro e

Rondônia também há sinal de crescimento na tendência de curto prazo (últimas 3 semanas). No Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Norte há sinal moderado de crescimento na tendência de longo prazo, sendo que no Rio Grande do Norte também há sinal de crescimento na tendência de curto prazo.

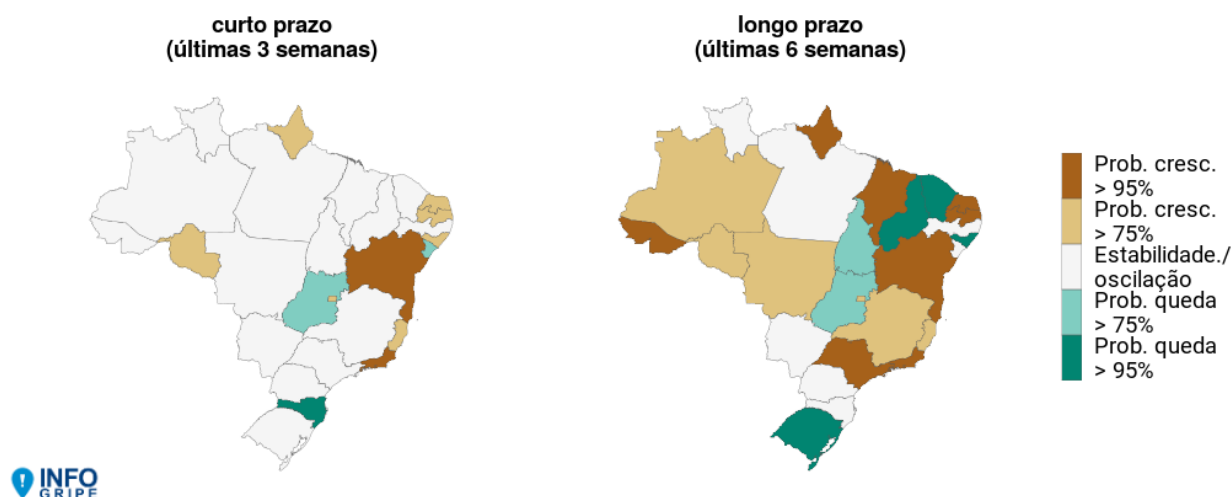
Com relação ao nível atual de casos semanais, apenas 4 unidades da federação apresentam ao menos uma macrorregião de saúde em nível muito alto (MG, PA, PR e SP), e nenhuma apresenta nível extremamente alto.

Para avaliação criteriosa da evolução ao longo do tempo e volume de casos semanais nas últimas semanas, recomendamos análise das séries temporais de cada estado apresentadas no Anexo I do [boletim semanal do InfoGripe](#) e no repositório público do InfoGripe, na [pasta de imagens das UFs](#).

Capitais e região de saúde central do Distrito Federal

Análise de tendência de casos de SRAG até a última semana para registros nas capitais, com base no **município de residência**.

Para o Distrito Federal, utilizamos os registros associados a casos cujo código de município de residência corresponde às regiões administrativas (RAs) pertencentes à região de saúde central.



Conclusões:

Na presente atualização observa-se que 14 das 27 capitais apresentam sinal de crescimento na tendência de longo prazo (últimas 6 semanas) até a semana 48: Belo Horizonte (MG), plano piloto e arredores de Brasília (DF), Cuiabá (MT), João Pessoa (PB), Macapá (AP), Manaus (AM), Natal (RN), Porto Velho (RO), Rio Branco (AC), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA), São Luís (MA), São Paulo (SP) e Vitória (ES). Assim como destacado para os estados, a análise da evolução temporal por faixa etária sugere que em alguns desses locais não se trata mais apenas oscilação ao redor de patamar estável, mas sim de crescimento leve porém sustentado. No Rio de Janeiro, observa-se crescimento considerável ao longo do mês de novembro com presença de casos positivos para o vírus Influenza A, consequência do surto que vem sendo observado em casos de síndrome gripal pela vigilância local. Em 6 capitais observa-se sinal de queda na tendência de longo prazo: Fortaleza (CE), Goiânia (GO), Maceió (AL), Palmas (TO), Porto Alegre (RS) e Teresina (PI). Além disso, 1 capital apresenta sinal de crescimento apenas na tendência de curto prazo (últimas 3 semanas): Maceió (AL).

Brasília, João Pessoa, Macapá, Natal, Porto Velho, Rio de Janeiro, Salvador e Vitória apresentam sinal de crescimento tanto na tendência de longo (últimas 6 semanas) quanto na de curto prazo (últimas 3 semanas). Já Belo Horizonte, Cuiabá, Manaus, Rio Branco, São Luís e São Paulo apresenta sinal de crescimento apenas na tendência de longo prazo, com sinal de estabilidade na tendência de curto prazo.

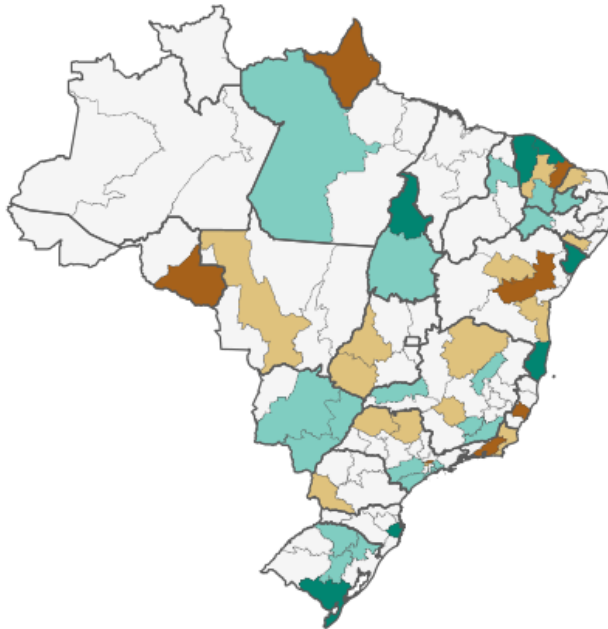
Conforme apresentado pelos indicadores de transmissão comunitária, a maioria das capitais encontram-se em macrorregiões de saúde com nível alto ou muito alto, embora diminuindo gradativamente. Das 27 capitais, 1 integra macrorregião de saúde em nível pré-epidêmico (São Luís), 3 integram macrorregiões em nível epidêmico (Boa Vista, Fortaleza e Palmas), 21 em nível alto (Aracaju, Belém, Brasília, Campo Grande, Cuiabá, Curitiba, Florianópolis, Goiânia, João Pessoa, Macapá, Maceió, Manaus, Natal, Porto Alegre, Porto Velho, Recife, Rio Branco, Rio de Janeiro, Salvador, Teresina e Vitória), e 2 em nível muito alto (Belo Horizonte e São Paulo). Nenhuma capital encontra-se em macrorregião de saúde com nível extremamente elevado.

Para avaliação criteriosa da evolução ao longo do tempo e volume de casos semanais nas últimas semanas, recomendamos análise das séries temporais de cada capital apresentada no Anexo II do [boletim semanal do InfoGripe](#).

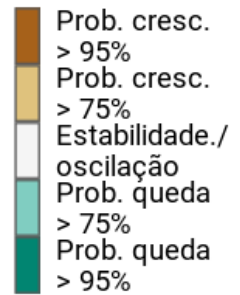
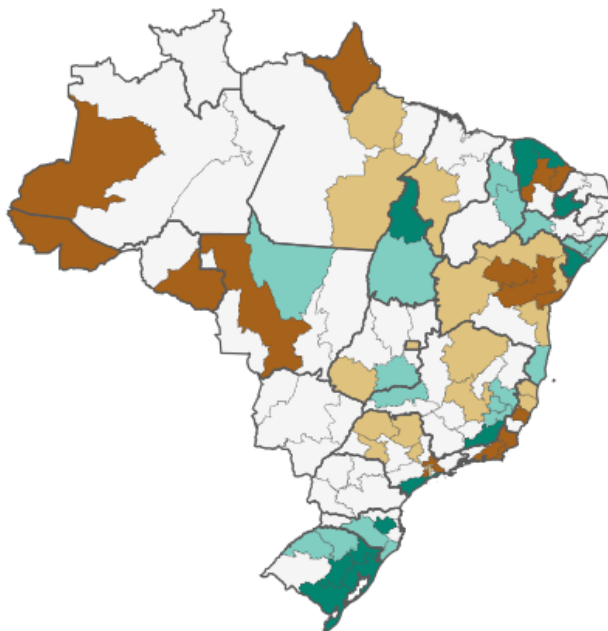
Macrorregiões de saúde

Análise de tendência dos casos semanais de SRAG até a última semana para as macrorregiões de saúde, com base no **município de notificação**.

curto prazo
(últimas 3 semanas)



longo prazo
(últimas 6 semanas)



Conclusões:

Em 18 dos 27 estados observa-se ao menos uma macrorregião de saúde com sinal de crescimento nas tendências de longo ou curto prazo: Acre, Amazonas, Amapá, Pará e Rondônia no Norte; Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão e Rio Grande do Norte no Nordeste; Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo no Sudeste; Distrito Federal, Goiás e Mato Grosso no Centro-Oeste; Paraná no Sul. Nos demais 9 estados observa-se tendência de longo e curto prazo com sinal de queda ou estabilização em todas as respectivas macrorregiões de saúde.

Em relação às estimativas de nível de transmissão comunitária para as macrorregiões de saúde, observamos 12 em nível pré-epidêmico; 16 em nível epidêmico; 81 em nível alto; 9 em nível muito alto; e nenhuma em nível extremamente alto, mantendo redução gradual do número de macrorregiões em níveis elevados.

Para avaliação criteriosa da evolução ao longo do tempo, recomendamos análise das séries temporais de cada macrorregião de saúde apresentada no Anexo III do [boletim semanal do InfoGripe](#).

Conforme descrito nos avisos deste boletim, a tendência reportada para as macrorregiões de saúde do Mato Grosso não são confiáveis, uma vez que se observou grande diferença entre os dados de SRAG do estado reportados no SIVEP-gripe, utilizados pelo InfoGripe, e aqueles reportados no sistema próprio do estado, com grande subnotificação no SIVEP-gripe. Além disso as ressalvas feitas ao maior atraso de digitação no final do ano observado nas capitais também se aplica às macrorregiões de saúde.

Para avaliação detalhada da situação em cada Unidade da Federação, recomendamos avaliação das estimativas de casos recentes para as respectivas macrorregiões de saúde, disponíveis no Anexo III da versão integral do [boletim semanal do InfoGripe](#).

Notas adicionais:

Conforme destacado nas edições anteriores do boletim, para fins de embasamento de ações relacionadas a distanciamento social é fundamental analisar os presentes dados em conjunto com a taxa de ocupação de leitos das respectivas regionais de saúde, uma vez que o número de novos casos semanais de SRAG ainda se encontra elevado mesmo nos estados que apresentaram queda. Do ponto de vista epidemiológico, flexibilização das medidas de distanciamento social facilitam a disseminação de vírus respiratórios e, portanto, podem levar a uma retomada do crescimento no número de novos casos.

Dada a heterogeneidade espacial da disseminação da COVID-19 no país e estados, recomenda-se que sejam feitas avaliações locais, uma vez que a situação dos grandes centros urbanos é potencialmente distinta da evolução no interior de cada estado. A situação das grandes regiões do país serve de base para análise de situação, mas não deve ser o único indicador para tomada de decisões locais, conforme explicitado em [nota técnica elaborada pela Fiocruz](#).

Oportunidade de digitação desde a internação

A figura a seguir apresenta informações a respeito do tempo, em semanas epidemiológicas, entre a data de internação e a data de digitação dos casos de SRAG notificados no SIVEP-Gripe, com base na semana de internação. Apresentamos os quantis 80, 90, e 95, que indicam o tempo mínimo necessário para serem digitados 80%, 90%, e 95% das internações ocorridas em cada semana epidemiológica. Isto é, quanto tempo é necessário aguardar para que tenhamos uma quantidade significativa dos casos ocorridos já inseridos no sistema, e como isso varia ao longo do tempo. Naturalmente, para semanas recentes sempre estaremos limitados às semanas já transcorridas. Por exemplo, se estamos na semana 10, o tempo máximo de atraso de digitação para internações ocorridas na semana 6 até o momento é de 4 semanas. Portanto, se os quantis associados aos casos da semana 6 estiverem em 3-4 semanas, isso sugere que ainda podemos ter um volume importante de casos entrando nas próximas semanas. Para auxiliar nesta avaliação, incluímos nos gráficos a linha horizontal que indica esse limite superior. Em uma situação ideal, teríamos essas curvas se estabilizando rapidamente na própria semana de ocorrência ou após apenas uma semana. Se as curvas mantêm ascensão à medida que olhamos para semanas cada vez mais antigas, isso é um indício que ainda há um passivo de informação a ser inserida mesmo para semanas distantes.

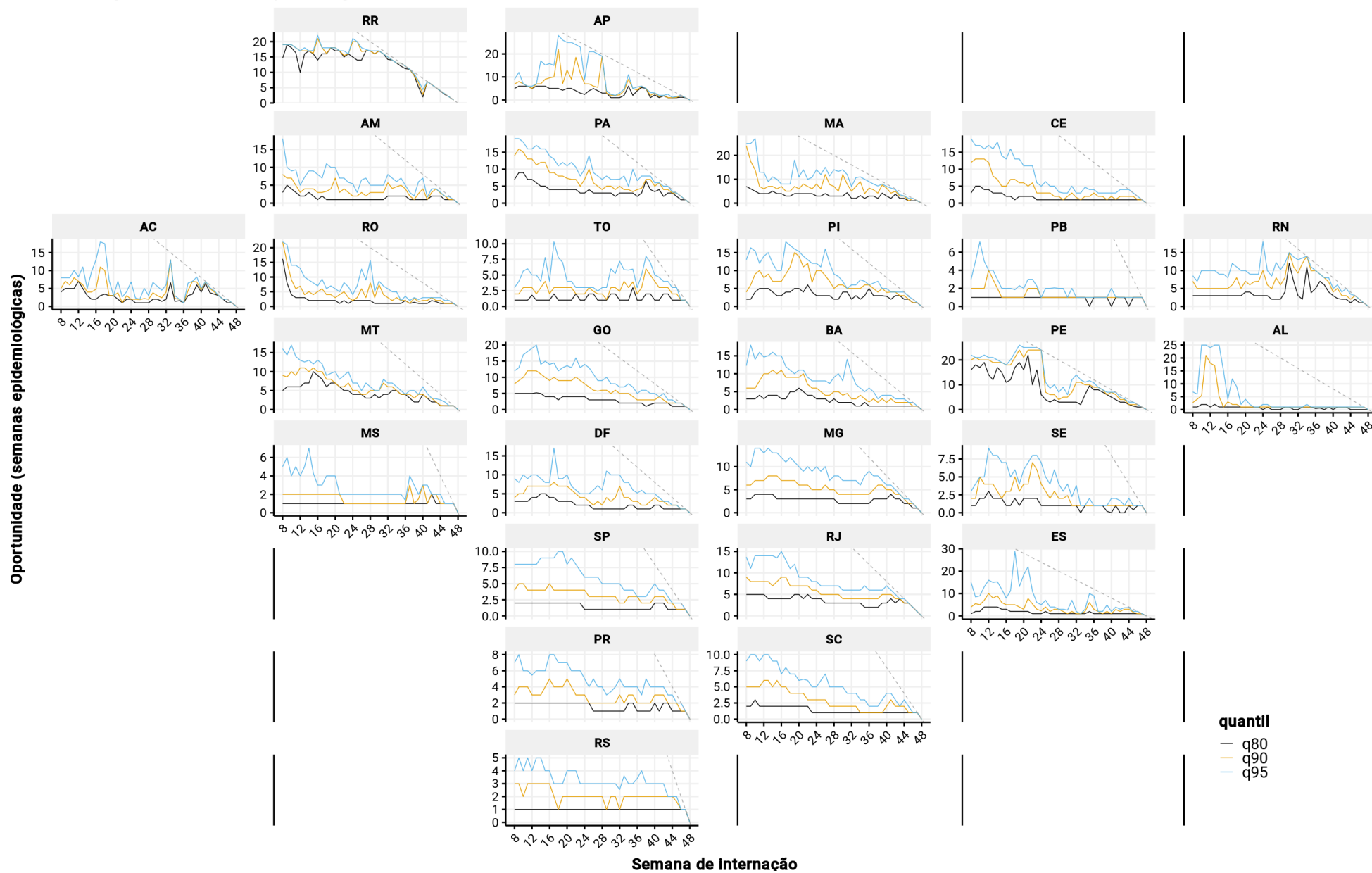
É sabido que há diversos fatores associados a eventuais demoras na digitação, podendo decorrer desde a necessidade de envio das fichas de notificação preenchidas em unidades de saúde às centrais de digitação (por ex., às secretarias municipais ou de estado de saúde), até à quantidade de agentes dedicados a essa tarefa específica, seja nas unidades de saúde com autorização de digitação, seja nas centrais; passando pela carga de demais atividades sob responsabilidade desses mesmos profissionais, principalmente em momentos de grande volume de casos simultâneos.

Quanto menor for a oportunidade de digitação, mais ágil é a inserção das ocorrências no SIVEP-Gripe e, conseqüentemente, mais representativo da situação atual é o dado das semanas recentes, e menor o impacto de usar dados por data de digitação ao invés da data de internação ou de primeiros sintomas para análise de situação. Por outro lado, quanto maior esse tempo, mais incompleta é a informação das semanas recentes e mais distante da realidade é a curva de casos por data de digitação, por conter pouca informação das semanas recentes e muitos casos de semanas mais distantes, nos dando um retrato do passado, não do momento atual. Nessas situações, os modelos de nowcast que levam em conta esse perfil do atraso para estimar os casos recentes se tornam imprescindíveis para avaliação adequada da situação atual. Por fim, vale destacar que, para esses modelos, a manutenção de um perfil de oportunidade relativamente constante auxilia na precisão do modelo. Locais com grandes variações acabam por diminuir a precisão dos mesmos.

As figuras a seguir apresentam a oportunidade de digitação a partir da data de notificação para os casos agregados por (1) estado da notificação, e (2) capital da notificação.

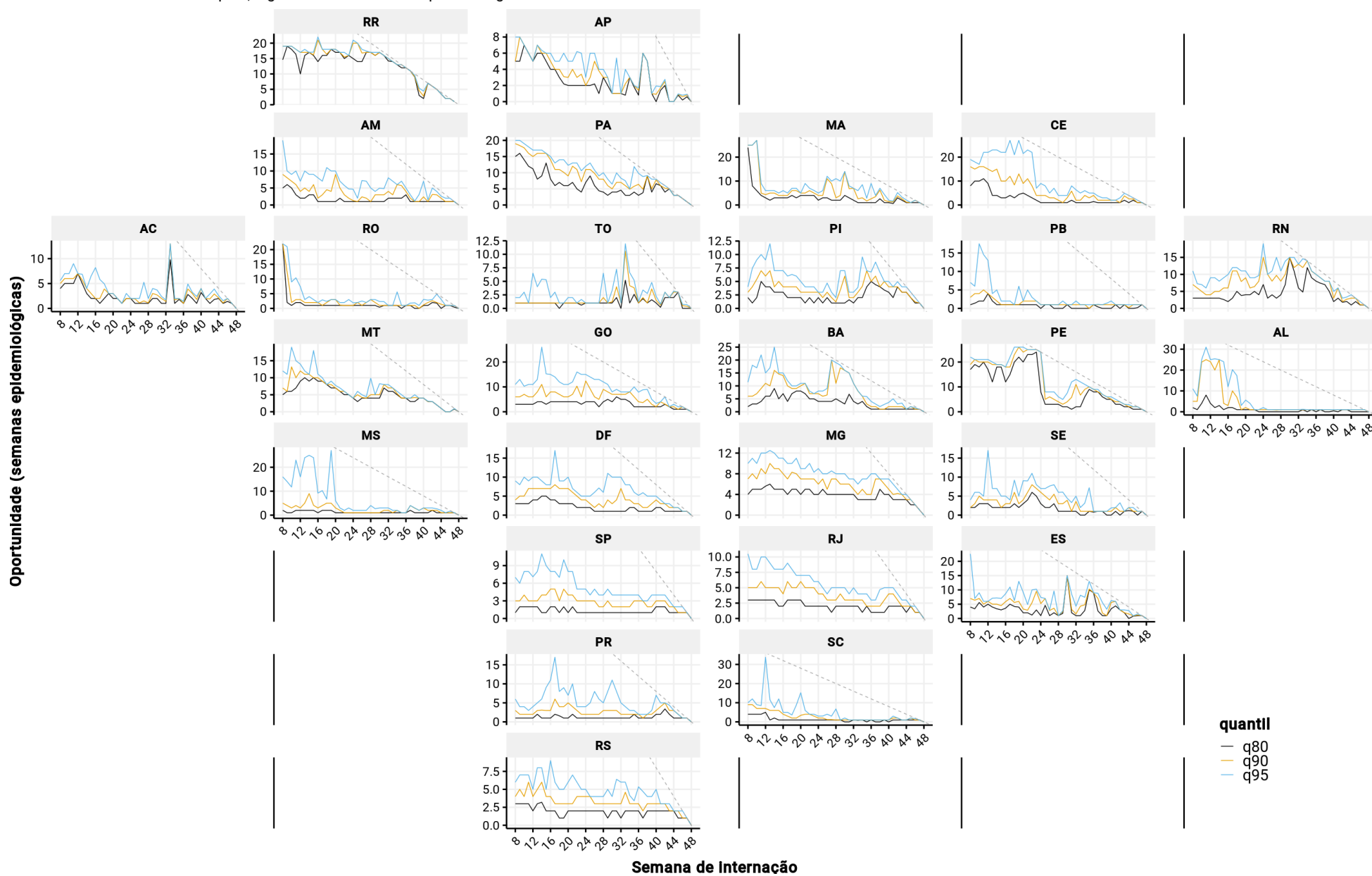
Oportunidade de digitação em relação à Internação

Dados digitados até a semana epidemiológica 2021 48



Oportunidade de digitação em relação à Internação

Dados notificados na capital, digitados até a semana epidemiológica 2021 48



Óbitos por SRAG no país

Situação nacional

- **Óbitos notificados de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG)**, independentemente de presença de febre:

– Desde 2020 até a presente atualização, temos um total de **429.215** óbitos reportados. Destes, **246.794** são óbitos referentes a casos do ano epidemiológico 2021, sendo **208.321 (84,4%)** com resultado laboratorial positivo para algum vírus respiratório, **21.621 (8,8%)** negativos, e ao menos **4.801 (1,9%)** aguardando resultado laboratorial. Dentre os positivos, 0,0% **Influenza A**, 0,0% **Influenza B**, 0,1% **vírus sincicial respiratório (VSR)**, e 99,0% **SARS-CoV-2 (COVID-19)**.

Os dados de óbitos sofrem alto impacto por conta da oportunidade de digitação, afetando significativamente as análises para semanas recentes, em particular a qualidade do modelo de estimativa de casos recentes. **Para análise de tendência, portanto, recomendamos focar nas curvas de casos de SRAG que tem menor impacto.**